

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA: O PAPEL HISTÓRICO DO CIESPAL (1959-2009)

COMMUNICATION SCIENCES IN LATIN AMERICA: THE HISTORICAL ROLE OF THE CIESPAL (1959-2009)

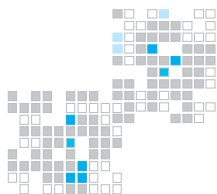
CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN EN AMÉRICA LATINA: EL PAPEL HISTÓRICO DE LA CIESPAL (1959-2009)



José Marques de Melo

■ Diretor-titular da Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional e professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Exerceu a presidência da ALAIC no período 1989/1992, realizando o primeiro congresso da associação em Embu-Guaçu (Brasil, 1992).

■ E-mail: marquesmelo@uol.com.br



RESUMO

Que papel desempenhou o Ciespal na constituição de um modo latino-americano de pensar a comunicação? A celebração do cinquentenário da entidade motiva o autor a fazer um retrospecto histórico da sua atuação institucional, identificando o fluxo das ideias ali assimiladas e metamorfoseadas, gerando um pensamento mestiço que alcançou difusão mundial.

PALAVRAS-CHAVE: PENSAMENTO COMUNICACIONAL; AMÉRICA LATINA; HISTÓRIA; CIESPAL.

ABSTRACT

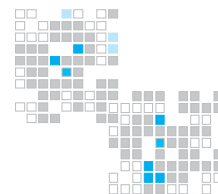
What was the role that the Ciespal played in the creation of a Latin American way of thinking about communication? The celebration of the entity's fiftieth anniversary motivates the author to develop a historical retrospect of its institutional activity, identifying the flow of ideas that it assimilated and metamorphosed, generating a mestizo way of thinking that has spread worldwide.

KEYWORDS: THINKING ABOUT COMMUNICATION; LATIN AMERICA; HISTORY; CIESPAL.

RESUMEN

¿Qué rol desempeñó la Ciespal en la formación de una manera latinoamericana para pensar la comunicación? Motivado por la celebración del cincuentenario de la institución, el autor revisa críticamente su trayectoria histórica, ubicando el flujo de ideas allí recibidas y transformadas para constituir un pensamiento mestizo que alcanzó difusión mundial.

PALABRAS CLAVE: PENSAMIENTO COMUNICACIONAL; AMÉRICA LATINA; HISTÓRIA; CIESPAL.



1. Preâmbulo

A trajetória histórica do pensamento comunicacional latino-Americano ainda está para ser inventariada com rigor e analisada com audácia. Há fatos, cenários e personagens que suscitam polêmica entre os historiadores, exacerbando os críticos, inibindo os indiferentes e confundindo os exegetas.

Mas um dado parece consensual. Trata-se do lugar ocupado pelo Ciespal (Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina) como divisor de águas no estudo científico da comunicação latino-americana.

Por isso mesmo, não hesitei em proclamar que o período inicial da história do nosso campo, na América Latina, está balizado “antes e depois do Ciespal”. Este é ponto de partida da modesta contribuição que fiz ao XIII Colóquio Internacional da Escola Latino-americana de Comunicação, realizado no campus da Universidade de Marília (Unimar), no estado de São Paulo, no dia 21 de maio de 2009.

Ao pensá-la, reafirmo que assumi o ponto de vista do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2009), a respeito do obsoleto e da inadequação das “categorias que usamos nas ciências sociais”. Sua tese é a de que elas “não se aplicam à nossa realidade”, pois foram plasmadas em países como França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Itália.

Consciente de que precisamos “inventar novos conceitos” para “compreender” as nossas sociedades, Sousa Santos (2009) resgata a ousadia latino-americana do século passado, ao esboçar um pensamento autóctone. “É verdade que houve muitos teóricos latino-americanos que se deram conta desta inadequação, desta discrepância entre o marco teórico e a realidade dos nossos países, mas não tiveram o sucesso que deveriam ter tido, mesmo se hoje os consideramos como clássicos”.

Na periodização recentemente sistematizada para circular junto aos leitores hispano-americanos

(Marques de Melo, 2009), evidenciei que tal demarcação está fartamente respaldada tanto nos estudos forâneos quanto nos resgates nativos, o que se demonstra a seguir.

Numa perspectiva européia, Miquel de Moragas (1981, p. 202, tradução nossa) reconhece que, na condição de “principal centro da área para a pesquisa em comunicação”, o Ciespal acolheu não apenas os “mais importantes professores das universidades norte-americanas”, mas também os “pioneiros do que será a ciência da comunicação propriamente autóctone”.

Por sua vez, Angel Benito (1982, p. 226, tradução nossa) destaca o papel “extraordinário” que o Ciespal desenvolveu, ao impulsionar a “renovação dos esquemas acadêmicos e de preocupações científicas em todo o continente”.

A ótica norte-americana de Cristina Schwarz e Oscar Jaramillo (1986, p. 59, tradução nossa) conduz à identificação do “efeito ressonante”, produzido pelo Ciespal ao “promover as novas tendências do ensino e da pesquisa em comunicação”, contabilizando “tremenda influência” em toda a América Latina.

Denotam igual percepção os mexicanos Raúl Fuentes e Guillermo Orozco. Fuentes (1992, p. 11, tradução nossa) ao focalizar o seu papel multiplicador, justamente quando o Ciespal “amplia” o universo das antigas escolas de jornalismo, convertendo-as em faculdades de “ciências da informação”. Orozco (1997, p. 126-128, tradução nossa) aponta dois momentos em que o Ciespal interfere na pesquisa em comunicação da América Latina, dando-lhe uma “nova fisionomia”. Nos anos 1960, do século XX, quando assimila o “enfoque empírico” das Escolas de Chicago e de Paris, e na década de 1970, quando promove a primeira “revisão crítica” da atividade investigativa na região, convocando o Seminário da Costa Rica.

Na outra ponta do continente, ou seja, no Mercosul, encontramos testemunhos que confirmam essa valorização do papel desempenhado pelo Ciespal.

Os argentinos Luciano Sanguinetti (2001, p. 69) e Florence Saintout (2003, p. 30) destacam a importância que o Ciespal teve nos estudos latino-americanos de comunicação. A brasileira Christa Berger (2001, p. 243) declara explicitamente:

O Ciespal foi, durante mais de duas décadas, a principal ponte entre os especialistas, as escolas e os diversos centros de reflexão, iniciou e sustentou um importante esforço de reflexão sobre os problemas da comunicação, além de ter formado um centro de documentação especializado, resgatando a memória histórica sobre os meios da região.

No entanto, ao celebrar seu jubileu de ouro, o Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina enfrenta o dilema típico das instituições que desfrutaram prestígio nos tempos áureos, mas que perderam o brilho, em face das novas conjunturas e do aparecimento de entidades congêneres que conquistam seus próprios espaços.

Por isso mesmo, julgo indispensável anotar alguns dados sobre a natureza e a origem dessa instituição paradigmática, precedendo minhas considerações sobre a constituição do pensamento comunicacional latino-americano.

Para tanto, pretendo fazer recortes das ideias mais evidentes dos seus primeiros diretores – Jorge Fernández e Gonzalo Córdova –, que mantiveram, em relação aos propósitos seminais da instituição, uma postura coerente, embora marcada por atuações conjunturais. Em seguida, quero explorar a geografia dessas ideias, comparando suas origens históricas e mapeando seus parentescos teórico-ideológicos.

2. Antecedentes

Essa instituição pública existe desde 1959, quando sua fundação foi estabelecida mediante convênio entre a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e a

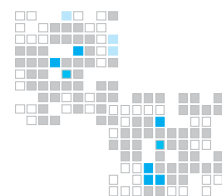
Universidade Central do Equador, em cujo campus funcionou durante os anos dourados.

Lembre-se que a Unesco, desde sua própria fundação, em 1947, já vinha potencializando o uso dos meios de comunicação em programas de desenvolvimento econômico. O diagnóstico feito na década de 1950 – publicado no volume *La formation des Journalistes* (1958) – indicava que os países em vias de desenvolvimento deveriam ser estimulados a acelerar os processos de mudança social, educando a população por meio da mídia. O quadro da América Latina, descrito naquele relatório pelo argentino Juan Valmaggia, reforça a

A trajetória histórica do pensamento comunicacional latino-americano ainda está para ser inventariada com rigor e analisada com audácia. Há fatos, cenários e personagens que suscitam polêmica entre os historiadores [...]

necessidade de elevar o nível cultural dos jornalistas, neutralizando eventuais tendências tecnocráticas ou posturas alienantes.

A estratégia da Unesco foi montada a partir de duas variáveis: a) modernização tecnológica – com a importação de equipamentos capazes de suportar projetos de desenvolvimento nacional e/ou regional; b) formação de recursos humanos sintonizados com essa estratégia, meta considerada prioritária. Tanto assim que foram criadas várias agências de fomento a esses projetos, dentre as quais o Centro Internacional de Estudios Superiores de Jornalismo (CIESJ) – sob a liderança de Jacques Leauté, em Estrasburgo, França, mas direcionado para atender às demandas da África –, o Instituto de Comunicação Coletiva (ICC) – coordenado por Glória Feliciano, na Universidade das Filipinas, com a missão de servir à Ásia – e o Ciespal – sob o comando do jornalista Jorge Fernández, comprometido com a América Latina.



As ideias mestiças resultantes do cruzamento entre o saber forâneo e a práxis nativa foram transformadas em produtos acadêmicos, circulando em todo o continente.

O Ciespal atuou nos anos 60 e 70 como centro de estudos avançados em jornalismo, desenvolvendo pesquisas sobre os meios de comunicação e promovendo cursos de pós-graduação, num tempo em que não havia programas de mestrado e doutorado na região, em nossa área de conhecimento. Desde 1960 até 1975, o centro de Quito promoveu o *Curso Internacional de Ciências de la Información Colectiva*, titulando mais 1000 especialistas na área.

Além disso, a instituição manteve um centro de documentação, reunindo acervos doados por entidades de todo o continente, além de organizar seminários regionais e oficinas de produção midiática. No âmbito editorial, publicou livros, revistas e material didático.

Este foi o caldo de cultura que nutriu o pensamento comunicacional latino-americano. Sementes plantadas por cientistas e profissionais da comunicação, recrutados nos centros hegemônicos do saber. Irrigação feita pela equipe equatoriana liderada por Jorge Fernández, cujos colaboradores imediatos mais destacados foram Gonzalo Córdova, Ramiro Samaniego e Marcos Ordoñez. Colheita realizada pelos bolsistas latino-americanos que frequentaram os cursos internacionais de Quito.

Valendo-se do acervo documental disponível, bem como da fortuna crítica acumulada nas publicações traduzidas ou adaptadas, eles fizeram exercícios de validação, comparação e legitimação. As ideias mestiças resultantes do cruzamento entre o saber forâneo e a práxis nativa foram transformadas em produtos acadêmicos, circulando em todo o continente.

Apesar do respaldo da Unesco e do apoio da Organização dos Estados Americanos (OEA), bem como de fundações internacionais com a Ford e a

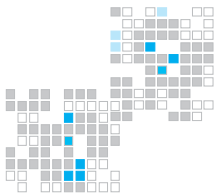
Ebert, a ideia do Ciespal germinou no contexto da sociedade equatoriana, na metade do século passado, tendo em Jorge Fernández seu catalisador intelectual e no jornal *El Comercio*, de Quito, seu avalista institucional.

3. Celeiro de ideias

Intelectual proeminente no Equador, Jorge Fernández destacou-se como ensaísta e romancista, mas foi, sobretudo, como jornalista que ganhou prestígio, escrevendo diariamente os editoriais do jornal *El Comercio*, veículo mais importante da imprensa nacional, mantido pela família Mantilla. Tanta confiança ele desfrutava junto aos proprietários da empresa que foi incumbido de escrever a biografia do referido periódico por ocasião do seu cinquentenário. Essa tarefa foi cumprida por meio do livro *Tránsito a la libertad* (1956).

O perfil traçado por Humberto Toscano (1956, p. 2, tradução nossa) caracteriza-o como diplomata e jornalista. Tinha “uma pena irrigada pela inteligência clarividente e pelo profundo estudo das realidades. Enriqueceu a literatura equatoriana com um romance, *Los que viven por sus manos*, lido e comentado em todo o continente”. A propósito da sua biografia institucional, anota o referido autor: “Jorge Fernández soube narrar plenamente a história de *El Comercio*; soube contá-la como de fato transcorreu a vida do jornal: em íntima comunhão com a pátria”. E acrescenta: “Além de ser uma biografia [...], *Tránsito a la libertad* é um estupendo ensaio sobre a primeira metade do século XX equatoriano”.

O fundador do Ciespal contava com a adesão de “equatorianos ilustres”, dentre eles os componentes do clã capitaneado por Don Carlos Mantilla, proprietário do jornal *El Comercio*, empresa que deu aval público para as negociações entre o governo



equatoriano e a administração da Unesco, mantendo esse apoio durante muitos anos (Leon, 1991).

O processo de criação do Ciespal foi gradativo, obedecendo ao calendário seguinte:

1956 – Reunião de Paris. Especialistas na formação de jornalistas reúnem-se, na sede da Unesco, decidindo implantar centros regionais para formar jornalistas na África, na Ásia e na América Latina.

1957 – Seminário de Estrasburgo, destinado a estabelecer as diretrizes do centro vocacionado para atender às demandas africanas.

1958 – Seminário de Quito, destinado a estabelecer as diretrizes do centro vocacionado para atender às demandas latino-americanas.

1959 – Assinatura do convênio entre a Unesco e o governo e a Universidade Central do Equador, para a criação do Ciespal.

1960 – Seminário de diretores de escolas de jornalismo, realizado em Quito, para formular estratégias latino-americanas de ensino e pesquisa na área.

1961 – Reunião de Santiago Chile, destinada a construir estratégias para o desenvolvimento dos meios de comunicação na América Latina.

Ao batalhar para que a cidade de Quito acolhesse a sede do centro internacional de estudos avançados de jornalismo cogitado pela Organização das Nações Unidas, Jorge Fernández assumia um compromisso patriótico. Para entendê-lo, nada mais elucidativo do que revisitar seu pensamento sobre o papel da comunicação naquele mundo conturbado. Quero partir da sua tese seminal:

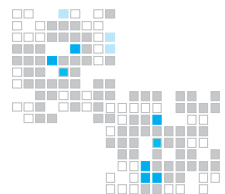
*O conceito da **informação**, como fenômeno sociológico, não existia antes das transformações*

*provocadas pela sociedade industrial. Até então, os conhecimentos eram divulgados toscamente, através de causos, mexericos ou rumores; numa época em que tais narrativas não logravam influência no tecido social, não interferiam no equilíbrio coletivo, nem ameaçavam a estabilidade das instituições. Disseminada pelo jornalismo, a informação demandada pelo **cidadão** forjado na Independência Norte-Americana ou na Revolução Francesa, adquire uma dinâmica consentânea com os novos poderes mecânicos e espirituais controlados pelo homem, pois a notícia se converte em instituição social. [...] [e] o jornalismo é o elo entre os acontecimentos e a comunidade; o canal ou sistema circulatório, indispensável à saúde do corpo coletivo; é o espelho da história que vive ou se fortalece em nome deste ser coletivo* (Fernández, 1956, p. 14, tradução nossa).

Nos seminários de Quito (1958 e 1960), ele retoma essa ideia, desdobrando-a para fundamentar a filosofia do centro em cuja criação se empenhou decididamente. Entendendo o jornalismo como forma de conhecimento, uma espécie de “espelho no caminho” que “projeta o futuro”, argumenta sobre seu impacto social, provendo os cidadãos de juízos de valor que os capacitam a compreender “a realidade social, a fisionomia política e a personalidade cultural”, bem como a participar do “mundo a que pertence” (Fernández, 1961, tradução nossa).

Daí a responsabilidade que atribui às escolas de jornalismo: sua missão radical é o fortalecimento das “nacionalidades latino-americanas”, formando profissionais capazes de intervir nos meios de comunicação como agentes de “mudança social” (Fernández, 1965, p. IV).

Consciente das lacunas teóricas vigentes nas universidades latino-americanas, Jorge Fernández busca alinhar o recém criado Ciespal com as teses desenvolvimentistas cultivadas pela CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina, em Santiago



do Chile), berço da teoria da dependência. Não é casual que Fernández e Raúl Prebisch tenham sido os atores principais da Reunião de Especialistas convocada pelo diretor-geral da Unesco, Tor Gjesdal. Atuando como expositor principal, Prebisch deu o tom dos debates, e Fernández ocupou a função de relator do encontro, influenciando nas diretrizes do documento final – *Los medios de información en América Latina: factor de desarrollo económico y social* –, que significou uma bússola para a formulação de um pensamento acadêmico e de políticas públicas feitas para a comunicação em nosso continente (Unesco, 1961).

Ao participar do mutirão convocado pela Unesco, em 1965, para avaliar o seu programa de “formação profissional em matéria de informação”, Jorge Fernández destacava o “engajamento particular no campo da pesquisa científica”, tendo em vista que ela praticamente não existia no continente (Unesco, 1961, p. 17).

Essa defasagem científica mereceu sua reflexão contundente, também durante o seminário promovido em Quito, em 1966, para debater o impacto dos satélites de comunicação nos sistemas de rádio e televisão dos países latino-americanos. Bradando que o nosso continente sempre esteve atrasado em matéria de ciência e tecnologia, chegando ao seu domínio quando suas ferramentas já estavam obsoletas nos países donde as importamos, ele defendia a necessidade de cooperação internacional. “Os problemas que nascem dos meios de comunicação são vitais”. E concita os participantes do seminário a vislumbrar o que “nossa América Latina deveria fazer”. Sua peroração desafia os pensadores latino-americanos a repensar nosso “isolacionismo”, buscando formas de “integração universal” para definir nosso próprio “destino” frente à “civilização” (Fernández, 1966, p. 8-9, tradução nossa).

Quase ao final do primeiro decênio de atividades do Ciespal, perante as lideranças reunidas pela International Association for Mass

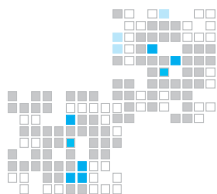
Communication Research (IAMCR), Fernández (1968, p. 122, tradução nossa) expunha os avanços logrados, destacando uma “fenomenologia comum nas escolas latino-americanas”, o que sinalizava um passo adiante no esforço inicial de recolher e processar “os resultados da experiência disponível nos Estados Unidos e na Europa”.

Concluída sua missão no Ciespal, Jorge Fernández foi convocado pelo Governo do Equador para assumir novos encargos, dentre eles o de embaixador nos Estados Unidos. Assim sendo, coube ao seu parceiro e sucessor, Gonzalo Córdova, a tarefa de estimular a superação da dependência original que tivemos em relação às matrizes hegemônicas.

Gonzalo foi, desde a fundação do Ciespal, o braço direito de Jorge Fernández, cabendo-lhe a responsabilidade de implementar as ideias do amigo e chefe. Advogado conceituado, deteve sempre grande prestígio na sociedade equatoriana, graças às relações familiares e à habilidade diplomática. Negociador incansável, movia a máquina operativa do centro. Mas isso não indica que ele estivesse ausente da vida intelectual e se mantivesse à distância dos programas acadêmicos. Ao contrário, participava cotidianamente dos processos decisórios, supervisionando inclusive o conteúdo das publicações didáticas, dos relatórios científicos e dos documentos oficiais do Ciespal. Enquanto Jorge Fernández peregrinava mundo a fora, captando recursos internacionais e novos projetos científicos, Gonzalo Córdova tocava a máquina administrativa, buscando fortalecer a ossatura da instituição no plano nacional.

Portanto, não lhe foi difícil dar continuidade às utopias de Jorge Fernández, porque eles as haviam sonhado conjuntamente.

A gestão Córdova, iniciada em 1969, destacou-se por duas iniciativas pioneiras. Uma foi a publicação da revista *Chasqui*, primeiro periódico latino-americano da área comunicacional. Outra foi o Seminário da Costa Rica, realizado em 1973, que imprimiu



O desafio de compreender o processo de transição entre a importação de ideias forâneas e a difusão do pensamento autóctone demandou a construção de uma “geografia autoral”

uma nova direção à pesquisa latino-americana, fortalecendo a consolidação de um pensamento autóctone.

Chasqui começa a circular em 1972, com a missão de difundir o conhecimento produzido pelo Ciespal e por outros centros de pesquisa da América Latina. A própria escolha do nome demonstra a valorização da identidade cultural da região, resgatando o personagem emblemático da comunicação pré-colombiana: “o homem que, através dos caminhos, levava a mensagem ou a notícia, de um confim a outro do império (Inca)”.

Em sua edição inaugural, a revista publica dois artigos paradigmáticos.

Um deles, de autoria de Gonzalo Córdova, faz o balanço crítico da pesquisa até então realizada. Coube ao Ciespal disseminar a pesquisa científica na região, importando teorias e metodologias, mesmo consciente de que os resultados das pesquisas forâneas são inaplicáveis à “sociedades de estruturas distintas”. Mas também lhe coube o papel de incentivador dos pesquisadores que embasaram o pensamento comunicacional latino-americano. “Logo após a criação do Ciespal, muitos estudiosos [...] efetuaram trabalhos de grande importância, tais como os realizados pelos senhores Mattelart, Pasquali, Marques de Melo, Gutierrez e os promovidos por vários especialistas em comunicação rural” (Córdova, 1972, p. 24, tradução nossa).

O outro artigo, assinado pelo colombiano Antonio García (1972, p. 45, tradução nossa), reivindica uma “ciência social latino-americana”, argumentando que “o ponto de partida de uma estratégia de desenvolvimento independente é uma consciência crítica dos estados de dependência e correlação de forças estratégicas não apenas

em nível de áreas, regiões ou hemisférios, mas do universo como totalidade pluralista”.

Estava aberto o caminho para a grande virada da pesquisa comunicacional latino-americana, o que vai se dar em 1973, na cidade de La Catalina, na Costa Rica. Seu documento final foi reproduzido integralmente na edição nº 4 de *Chasqui*, rotulado como “evento de grande transcendência”.

A ele, Miquel de Moragas (1981, p. 203, tradução nossa) se refere como o detonador da “virada crítica” que “dialeticamente” produziu “mudança de atitude epistemológica” e “mudanças de objeto”, conduzindo ao interesse pelas políticas nacionais de comunicação e pelos fluxos da comunicação internacional.

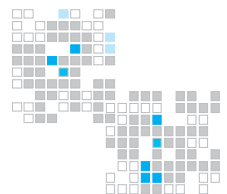
Este é o momento decisivo para a explosão do pensamento comunicacional latino-americano, que, além de *Chasqui*, passa a ter ampla difusão por meio da revista *Comunicación y Cultura*, editada primeiro em Santiago e, depois, em Buenos Aires e na Cidade do México.

4. Fluxos e contrafluxos

O desafio de compreender o processo de transição entre a importação de ideias forâneas e a difusão do pensamento autóctone demandou a construção de uma “geografia autoral”. Para tanto, buscamos como referência dois indicadores: a) livros editados pelo Ciespal; e b) artigos publicados na revista *Chasqui*.

No primeiro caso, foi reconstituída a lista dos títulos editados na primeira década (1960-1970) e consultada a lista dos títulos disponíveis no portal da instituição, integrantes da Coleção Inityan, cobrindo, portanto, o período recente (1989-2009).

No segundo caso, consideramos as evidências sobre a difusão do conhecimento disseminado



pelo centro internacional. Nenhuma fonte mais apropriada que a revista *Chasqui*, que circula amplamente. As amostras representam dois momentos na vida Ciespalina: a) a conjuntura posterior ao seminário de Costa Rica (1973-1978), quando escasseiam as fontes de financiamento proveniente das fundações norte-americanas; e b) o período marcado pela obtenção de fundos alemães (Freidric Ebert), quando a revista científica ingressa em nova fase (1981-1986), cujos dados estão explícitos no índice do número 1 ao 20.

Estava aberto o caminho para a grande virada da pesquisa comunicacional latino-americana, o que vai se dar em 1973 [...]

Mas, antes de examinar os períodos históricos, vale a pena ter uma visão comparativa. A tabela apresentada no Anexo 1 oferece um panorama marcado por contrastes.

Chama atenção, nesse quadro geográfico, a variação entre os dois territórios explorados: o do conhecimento validado pelos pares – implícito nos livros – e o do conhecimento em processo de validação – simbolizado pelo periódico científico. A amostra do fundo editorial demonstra que o pensamento forâneo predominou inicialmente, sendo superado pelo pensamento autóctone em período mais recente. No território da revista, esse contraste não aparece, por motivo compreensível: o veículo só veio a circular uma década após, refletindo a “virada crítica” que marca a conjuntura dos anos 1970.

Verificando a procedência do conhecimento disseminado por meio do livro, a análise relativa ao fundo editorial Ciespalino confirma a mudança radical entre o período inicial e a fase recente.

A primeira década (1960-1969) evidencia a prevalência do hegemônico pensamento forâneo, em relação ao emergente pensamento autóctone. De cada três livros editados pelo Ciespal, para subsi-

diar o estudo dos participantes dos cursos internacionais realizados em Quito, dois foram escritos por autores forâneos e apenas um por autor latino-americano.

A fase recente (1989-2009) exhibe tendência diametralmente oposta. Inverte-se o quadro com a predominância dos autores latino-americanos sobre os estrangeiros – a correlação é de três para um.

Convém ampliar a questão autoral: quem são os pensadores disseminados pelo Ciespal nos diversos períodos de sua trajetória?

Para melhor entender e analisar os resultados da observação realizada, vamos separar os dados por etapas históricas, conforme periodização (Marques de Melo, 2009, p. 8), que em grande parte se ajusta aos cortes temporais aqui feitos: 1) *desenvolvimentismo mestiço* (1960-1969); 2) *resistência crítica* (1972-1978); 3) *radicalização alternativa* (1981-1986); e 4) *legitimação acadêmica* (1989-2009).

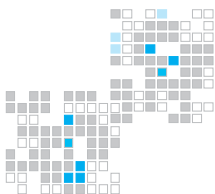
4.1. Desenvolvimentismo mestiço (1960-1969)

O principal contingente é constituído pelos norte-americanos, secundado pelos franceses.

Raymond Nixon, Wilbur Schramm e Paul Deutschman são os norte-americanos mais frequentes.

Nixon (1961; 1963) foi docente durante vários anos, ministrando cursos sobre teoria do jornalismo e metodologia da pesquisa em comunicação, o que motivou reedições de seus manuais didáticos. Sua presença no quadro acadêmico da instituição foi estratégica, pela liderança que ocupava na comunidade mundial das ciências da comunicação e pela postura liberal que o caracterizou intelectualmente, fortalecendo o pluralismo peculiar à primeira fase (Marques de Melo, 2003, p. 346-352).

Embora Schramm (1964; 1965) não tenha sido professor do Ciespal, suas ideias alcançaram grande repercussão, sendo difundidas por seus ex-alunos e discípulos, certamente responsáveis pela tradução das duas coletâneas básicas adotadas nas faculdades de comunicação dos Estados Unidos. Uma delas serviu como texto de apoio aos professo-



res de teoria da comunicação e a outra foi útil para introduzir os jovens estudantes no campo comunicacional (Marques de Melo, 2008, p. 115-124).

Precocemente falecido, Deutschmann (1962; 1965) figurou no Ciespal como paradigma metodológico, justificando-se a tradução de pesquisas de conteúdo e audiência realizadas sob sua direção nos Estados Unidos, cuja iniciativa coube ao seu colega John McNelly e ao seu discípulo Ramiro Samaniego.

Também foram editados: Gabe C. Parks, Jac McLoyd, James Markham, Ralph Nazfiger, Wesley Clark, Wayne Danielson, entre outros.

Na coluna dos franceses, a dianteira foi ocupada por Jacques Kayser (1963; 1964), que se converteu na principal referência para os estudos de jornalismo comparado, e por Jacques Leauté (1964; 1966), animador dos estudos sobre ética e direito da informação. Logo a seguir, estão Jacques Godechot (1964), especialista em metodologia de história da imprensa, e Joffre Dumazedier (1966), autoridade mundial em sociologia da comunicação e do lazer.

Projetaram-se como referentes do pensamento comunicacional dos países do ocidente europeu o psicólogo alemão Gerhard Maletzke (1965), o sociólogo belga Roger Clausse (1963), o politicólogo italiano Vitaliano Roviggati (1968) e o jornalista espanhol Manuel Calvo Hernando (1965).

Mas a filosofia pluralista do Ciespal incluiu também representantes do pensamento vigente nos países comunistas, como é o caso do polonês Miczyslaw Kafel (1961) e do russo Karen Kachaturov (1968).

Dente os poucos latino-americanos publicados, prevaleceu inicialmente um certo equilíbrio nacional.

Duplas de brasileiros – Danton Jobim (1964) e Luiz Beltrão (1963) –, de equatorianos – Jorge Fernández (1960) e Ramiro Samaniego (1968) –, de chilenos – Edgardo Henry Rios (1961) e Ramón Cortez Ponce (1964) – e de colombianos – Antonio García (1964) e Juan Isaac Lovato (1963) – convi-

vem com o mexicano Manuel de Guzmán (1961) e com o argentino Carlos Fayt (1964).

Seus temas principais são a pedagogia do jornalismo (Beltrão, Jobim, Fernández e Cortez Ponce), o direito de informação (Guzmán e Lovato), a metodologia da pesquisa (Samaniego e Fayt), a comunicação para o desenvolvimento (García) e a linguagem jornalística (Rios).

4.2. Resistência crítica (1972-1978)

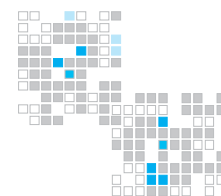
Opera-se, nessa conjuntura, uma mudança radical. A revista *Chasqui* antecipa, em suas primeiras edições, o sentimento de ruptura epistemológica que estava incubado na comunidade acadêmica da área, cujo brado de alerta se difunde durante o Seminário de Costa Rica (1973).

Os autores latino-americanos ocupam praticamente toda a cena, cabendo aos pesquisadores forâneos papel secundário. A relação quantitativa entre os dois grupos é surpreendente: 1 para 15, privilegiando a prata da casa.

Dentre os pensadores estrangeiros, figuram solitariamente o norte-americano John McNelly e os nórdicos Kaarle Nordstrem e Tapio Varis.

Dentre os pensadores autóctones, apenas o colombiano Antonio García pertence à geração dos pioneiros. Projeta-se um grupo que ocuparia posição de vanguarda na conjuntura, como o argentino Eliseo Verón, o boliviano Luis Ramiro Beltrán, o chileno Fernando Reyes Mata, o venezuelano Luis Aníbal Gómez e o paraguaio Juan Diaz Bordenave. Contudo, aparecem novos talentos, cujas ideias e conhecimentos conquistariam espaço na agenda continental, como por exemplo, o argentino Juan Braun, os brasileiros Hugo Assmann, João Bosco Pinto e Cremilda Medina, os chilenos Raquel Salinas e Luis Torres, o portorriquenho Jaime Gutierrez e o venezuelano Jerry O'Sullivan.

Contudo, destaca-se nesse período a prevalência do grupo equatoriano atuante no próprio Ciespal: Gonzalo Córdova, Marco Ordoñez, Jorge Merino e Benjamin Ortiz.



E agora? Esta é a pergunta que fazem educadores e acadêmicos, em todo o continente, perplexos ante a inércia da instituição em anos recentes.

Para tornar mais visível o protagonismo que assume a equipe do Ciespal, socializando o conhecimento ali produzido e estocado, basta anotar que seus textos representam 28% do total, vindo logo a seguir os grupos argentino (17%), colombiano (13%) e venezuelano (12%).

4.3. Radicalização alternativa (1981-1986)

A nova fase de *Chasqui*, iniciada em 1981, significa não apenas mudança de formato, mas de política editorial. O periódico deixa de ser uma publicação doméstica ou artesanal para assumir fisionomia industrial, atualizando também sua rotina produtiva, que se profissionaliza, contando com subsídios da Fundação Friedrich Ebert. Para conquistar reconhecimento acadêmico, institui um conselho internacional, que se reuniu periodicamente em Quito para avaliar a revista e construir sua agenda editorial.

Um indicador da internacionalização da revista é a ultrapassagem do que se poderia chamar de xenofobia, revalorizando a participação forânea, em proporção menor que na primeira fase do Ciespal e bem mais expressiva do que no período amadorístico da revista *Chasqui*.

Cresce e altera-se o corpo de colaboradores internacionais. São remanescentes das primeiras fases o norte-americano Raymond Nixon e os nórdicos Kaarle Nordestreng e Tapio Varris. Passam a comparecer às páginas de *Chasqui* componentes da nova vanguarda comunicacional, como o inglês James Halloran, o canadense William Melody, o catalão Miquel de Moragas e os norte-americanos Herbert Schiller, Émile McAnany, Robert White, Everett Rogers e Elizabeth Fox, além do alemão Peter Schenkel, representante da fundação patrocinadora do projeto.

Amplia-se e renova-se a presença latino-americana. Figuras de expressão internacional colaboraram com maior assiduidade: Antonio Pasquali, Luis Ramiro Beltrán, Rafael Roncagliolo, Mario Kaplún, Juan Somavía, Héctor Schmucler, Néstor Canclini, Jesús Martín-Barbero e José Marques de Melo. Figuram, porém, com maior intensidade as lideranças das novas gerações, como a argentina Marita Mata, o boliviano Alfonso Gumucio, os chilenos Pablo Portales e Valerio Fuenzalida, o cubano Lopez Vigil, os mexicanos Beatris Solis e Javier Esteinou Madrid, o venezuelano Alejandro Alfonso, a peruana Teresa Quirós e os brasileiros Carlos Eduardo Lins da Silva, Pedro Gilberto Gomes e Luis Gonzaga Motta.

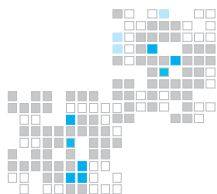
Encontra-se aqui uma amostra representativa da Escola Latino-Americana de Comunicação, artífice do pensamento sobre comunicação que ganhou reconhecimento internacional na segunda metade do século XX (León Duarte, 2007).

4.4. Legitimação acadêmica (1989-2009)

Deixamos o espaço vibrante da revista acadêmica para retornar ao universo do conhecimento socialmente legitimado, mas que está contido nas coleções de livros. A amostra da Coleção Inityan traz algumas revelações.

Em relação a esse contingente da passagem do século (1989-2009), a presença latino-americana é majoritária, cinco vezes maior que a forânea. Dessa última, porém, tanto fazem parte autores remanescentes da primeira fase, por meio de reedições – Maletzke e Rovigatti – e de livros novos – Calvo Hernando –, quanto autores novos – Berwanger e Schenkel.

Entre os latino-americanos encontram-se autores projetados anteriormente, como Antonio



García, Jesús Martín-Barbero, Luiz Aníbal Gómez, Mario Kaplún, Juan Díaz Bordenave, e autores que possuíam destaque nacional, conquistando difusão continental para suas obras. Nesse grupo estão: o peruano Juan Gargurevich, os equatorianos Andrés Leon e Luis Proaño, o chileno Julio del Rio, o venezuelano Eduardo Santoro, o boliviano José Luis Exeni e as mexicanas Maria Luisa Muriel e Gilda Rota.

5. Perspectivas

E agora? Esta é a pergunta que fazem educadores e acadêmicos, em todo o continente, perplexos ante a inércia da instituição em anos recentes. É bem verdade que sinais de apatia ou de desconforto são visíveis em todas as partes, como resposta à crise econômica que corrói todo o sistema financeiro. Traduzem também o inconformismo à cegueira dos nossos gestores públicos que continuam insensíveis à evidência de que aplicar recursos orçamentários em educação e ciência é investimento cujos dividendos se projetam em médio prazo.

Em meio a esse quadro opaco e pouco animador, na macropolítica, o próprio Ciespal emitiu sinal alentador no plano micro-cultural. Como estratégia comemorativa do jubileu de ouro da instituição, a revista *Chasqui* vem dando sinais de que busca o caminho de volta ao futuro. Passou a reconhecer o valor do pensamento comunicacional latino-americano, programando uma série destinada a suprir a lacuna de conhecimento que estigmatiza a formação acadêmica das novas gerações de profissionais e pesquisadores da área.

6. Desafios inadiáveis

Enfrentamos uma encruzilhada civilizacional que pode significar a nossa anexação a um dos pólos culturais hegemônicos ou a nossa reafirmação como bloco independente.

Trilhar o caminho autônomo é o que proclama nosso mestre Luis Ramiro Beltrán (2009, p. 30,

tradução nossa): “Contamos com uma atmosfera e com várias plataformas para retornar, imediatamente e sem vacilação, à luta pelos ideais abraçados a partir da década de 70”.

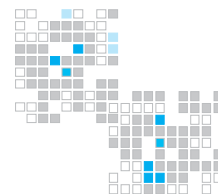
Para tanto, a América Latina dispõe, “muito mais que em outras grandes regiões do mundo [...], de uma base institucional de excelente qualidade e influência”. Mas, como nenhuma das organizações existentes pode assumir, isoladamente, essa utopia, ele sugere a criação de comitê permanente para esboçar e desenvolver um programa cooperativo de democratização da comunicação.

[...] este é o momento apropriado para o Ciespal arregimentar forças, fortalecer o acervo cognitivo e disseminar o que a América Latina vem produzindo com singularidade e ousadia.

Representante carismático dessa corrente de pensamento, Beltrán (2009, p. 31) sugere um roteiro de luta:

- 1) Mapear a natureza dos problemas e a viabilidade das alternativas existentes para solucioná-los.
- 2) Formular políticas capazes de aplicação aos níveis nacional, regional e local.
- 3) Conquistar a simpatia e o apoio dos tomadores de decisão no âmbito jornalístico, político e empresarial.
- 4) Implementar uma estratégia quinquenal de ação cooperativa entre as instituições comprometidas com a democratização da comunicação.

Nenhuma entidade mais credenciada que o Ciespal para sediar e liderar esse processo histórico. Por tradição, cabe-lhe a missão de retomar a bandeira hasteada pelos fundadores da Escola Latino-Americana de Comunicação.



Rememorando aquela conjuntura, Jesús Martín-Barbero (2009, p. 144-145) destaca: “Havia uma convergência e uma coesão, um desejo de construir um grande projeto de pesquisa em comunicação que realmente tivesse um papel de destaque na própria evolução das Ciências Sociais da América Latina”.

Nesse sentido, ele adverte que a luta não se esgota no terreno político, pressupondo uma batalha teórica:

Quero dizer que aquela proposta estava muito ligada à convergência que tinha o campo da comunicação enquanto campo de conhecimento. [...] O mais interessante é que, justamente naquele momento, começávamos a nos conscientizar de toda a dependência que existia em função da ausência de teoria. Ou seja, nós não só tínhamos uma teoria da dependência, como também começávamos a ver que boa parte da

dependência era dependência intelectual (Martín-Barbero, 2009, p. 162).

Em função desse contexto, torna-se oportuno o grito de alerta lançado por Martín-Barbero:

Isso se tornou uma realidade clara depois, quando vimos que a imensa maioria dos autores na América Latina continuou olhando para o norte. Não porque não haja teoria da comunicação na América Latina, que não haja pensamento ou bibliografia, porque já faz algum tempo que começa a haver pensamento próprio; porém, não se acredita que esse pensamento tenha valor, se vem do norte parece ter mais.

Portanto, este é o momento apropriado para o Ciespal arregimentar forças, fortalecer o acervo cognitivo e disseminar o que a América Latina vem produzindo com singularidade e ousadia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÁN, Luis Ramiro. Debemos denunciar la estructura deshumanizante y anunciar la estructura humanizante. Entrevista a Juçara Brittes. *Chasqui*, Quito, n. 105, p. 20-31, 2009.

BELTRÃO, Luiz. *Metodologia en la enseñanza de la técnica del periodismo*. Quito: Ciespal, 1963.

BENITO, Angel. *Fundamentos de teoría general de la información*. Madrid: Pirámide, 1982.

BERGER, Christa. A pesquisa em comunicação na América Latina. In: HOLFELDT, Antonio (Org.). *Teorias da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 241-272.

CALVO HERNANDO, Manuel. *El periodismo científico*. Quito: Ciespal, 1965.

CLAUSSE, Roger. *Sociología de la información*. Quito: Ciespal, 1963.

CÓRDOVA, Gonzalo. La investigación de la comunicación. *Chasqui*, Quito, n. 1, p. 23-30, 1972.

CORTEZ PONCE, Ramón. *Pedagogia del Periodismo*. Quito: Ciespal, 1964.

DEUTSCHMANN, Paul. *Estudio comparativo de doce diarios metropolitanos*. Quito: Ciespal, 1965.

DEUTSCHMANN, Paul. *Uso de los medios de información colectiva en once países latinoamericanos*. Quito: Ciespal, 1962.

DUMAZEDIER, Joffre. *De la sociología de la comunicación colectiva a la sociología del desarrollo cultural*. Quito: Ciespal, 1966.

FAYT, Carlos. *Ciencia Política y Ciencias de la Información*. Buenos Aires: Omeba, 1965.

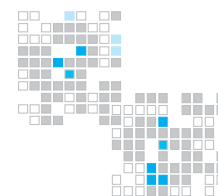
FERNÁNDEZ, Jorge. La radio y la televisión frente a la necesidad cultural de América Latina. In: Ciespal. *La radio y la televisión frente a la necesidad cultural de América Latina*. Quito: Ciespal, 1966, p. 5-13.

FERNÁNDEZ, Jorge. *Los medios de información en América Latina*. Paris: Unesco, 1961.

FERNÁNDEZ, Jorge. Preambulo. Ciespal. *Las escuelas de periodismo en América Latina*. 2. ed. Quito: Ciespal, 1965.

FERNÁNDEZ, Jorge. Tendências de la enseñanza del periodismo en América Latina. In: IAMCR. *Los profesores de periodismo*. Pamplona:

- Universidad de Navarra, 1968. p. 115-144.
- FERNÁNDEZ, Jorge. *Tránsito a la libertad*. Quito: El Comercio, 1956.
- FUENTES, Raúl. *Un campo cargado de futuro: el estudio de la comunicación en América Latina*. México: Coneicc, 1992.
- GARCÍA, Antonio. *Comunicación para la dependència o el desarrollo ?*. Quito: Ciespal, 1964.
- GARCÍA, Antonio. Puede existir una ciencia social latinoamericana?. *Chasqui*, Quito, n. 1, p. 31-46, 1972.
- GODECHOT, Jacques. *Contribución a la historia del periodismo*. Quito: Ciespal, 1964.
- GUZMÁN, Manuel de. *El Derecho Internacional y el Periodismo*. Quito: Ciespal, 1961.
- JOBIM, Danton. *Pedagogía del periodismo*. Quito: Ciespal, 1964.
- KACHATUROV, Karen. *Médios de comunicación y opinión pública en la Unión Soviética*. Quito: Ciespal, 1968.
- KAFEL, Mieczyslaw. *Teoría y práctica de la prensa*. Quito: Ciespal, 1961.
- KAYSER, Jacques. *La prensa diaria y la comunidad europea*. Quito: Ciespal, 1963.
- KAYSER, Jacques. *Estudios de Morfología, de metodología y de prensa comparada*. Quito: Ciespal, 1964.
- LEAUTÉ, Jacques. *Concepciones políticas y jurídicas de la información*. Quito: Ciespal, 1964.
- LEAUTÉ, Jacques. *Ética y responsabilidad del periodista*. Quito: Ciespal, 1966.
- LEÓN DUARTE, Gustavo Adolfo. *Escola Latino-Americana de Comunicação: a nova hegemonia*. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/ Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2007.
- LEON, Andrés. *Homenaje a Jorge Fernández*. Quito: Ciespal, 1991.
- LOVATO, Juan Isaac. *Reflexiones sobre la libertad de expresión del pensamiento*. Quito: Ciespal, 1963.
- MALETZKE, Gerhard. *Sicología de la comunicación colectiva*. Quito: Ciespal, 1965.
- MARQUES DE MELO, José. *História do pensamento comunicacional: cenários e personagens*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MARQUES DE MELO, José. *História política das ciências da comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.
- MARQUES DE MELO, José. *Pensamiento comunicacional latinoamericano: entre el saber y el poder*. Sevilla: Comunicación Social, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. Entrevista a Maria Immacolata Vassallo de Lopes. *Matrizes*, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 143-162, 2009.
- MORAGAS, Miquel de. *Teorías de la comunicación*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.
- NIXON, Raymond. *Análisis sobre periodismo*. Quito: Ciespal, 1961.
- NIXON, Raymond. *Investigaciones sobre comunicación colectiva*. Quito: Ciespal, 1963.
- OROZCO, Guillermo. *La investigación de la comunicación dentro y fuera de América Latina: tendencias, perspectivas y desafíos del estudio de los medios*. La Plata: EPC, 1997.
- RIOS, Edgardo. *Periodismo y lenguaje*. Quito: Ciespal, 1963.
- ROVIGGATI, Vitaliano. *Lecciones sobre la ciencia de la opinión pública*. Quito: Ciespal, 1981.
- SAINTOUT, Florence. *Abrir la Comunicación*. La Plata: EPC, 2003.
- SAMANIEGO, Ramiro. *Manual de investigación por encuesta en la comunicación*. Quito: Ciespal, 1968.
- SANGUINETTI, Luciano. *Comunicación y médios. Claves para pensar y enseñar una teoría de la comunicación latinoamericana*. La Plata: EPC, 2001.
- SCHRAMM, Wilbur. *La ciencia de la comunicación humana*. Quito: Ciespal, 1965.
- SCHRAMM, Wilbur. *Proceso y efectos de la comunicación colectiva*. Quito: Ciespal, 1964.
- SCHWARZ, Cristina; JARAMILLO, Oscar. Hispanic American Critical Communication Research. In: ATWOD, Rita; MCANANY, Emile (eds.). *Communication & Latin American Society*. Austin: UT, 1986. p. 48-78.
- SOSA SANTOS, Boaventura. Os desafios das ciências sociais. *Lê Monde Diplomatique*, Encarte Clacso, São Paulo, ano 2, n. 22, maio 2009.
- TOSCANO, Humberto. Perfil del autor. In: FERNANDEZ, Jorge. *Tránsito a la libertad*. Quito, El Comercio, 1956.
- UNESCO. *La formación des journalistes*. Paris : Unesco, 1958.
- UNESCO. *Los medios de información en América Latina: factor de desarrollo económico y social*. Paris: Unesco, 1961.
- UNESCO. *Professional Training for Mass Communication*. Paris: Unesco, 1965.



Anexo 1 – Ciespal: Geografia Autoral

	1960-1969	1972-1978	1981-1986	1989-2009	Total
Pensamento Forâneo					63
África			2		2
Ásia			3		3
Alemanha	2		2	2	6
Áustria			1		1
Bélgica	6				3
Canadá			1		1
China			1		1
Escandinávia			1		1
Espanha	2		3	3	8
EUA	9	2	9	1	21
França	5				5
Finlândia		1			1
Inglaterra		1			1
Itália	1		2	1	4
Polónia	1		2		3
Rússia	1		1		2

	1960-1969	1972-1978	1981-1986	1989-2009	Total
Pensamento Autóctone	10	58	130	35	233
América Latina			39	11	50
Argentina	1	10	8		19
Bolívia		3	7	3	13
Brasil	3	2	15	2	21
Chile	2	5	5	2	15
Colômbia	1	8	3	5	17
Costa Rica		1	4		5
Cuba			2		2
Equador	2	16	7	5	30
El Salvador			1		1
Guatemala			1		1
Guyana			2		2
Jamaica			1		1
México	1	3	11	1	16
Nicarágua			1		1
Panamá			1		1
Peru		2	12	1	15
República Dominicana			1		1
Uruguai		2	1	3	6
Venezuela		6	8	2	16

